

RELATO DE EXPERIÊNCIA - LITERATURA E RESISTÊNCIA - O LUGAR DA EXPRESSÃO DA TRADIÇÃO POPULAR NO SERTÃO NORDESTINO

<https://doi.org/10.47247/2316.4484/11.1.9>

EXPERIENCE REPORT - LITERATURE AND RESISTANCE - THE PLACE OF EXPRESSION OF
POPULAR TRADITION IN THE NORTHEAST HISTORY

Maria de Lourdes Dionizio Santos¹
Arthur Bruno Alencar Silva²
Haynna Rebecca Dias Cavalcante³
Josefa Roseane Henrique Pereira⁴

RESUMO

Propomos apresentar um Relato de Experiência realizado por meio do Projeto de Extensão/Fluex/UFCG, vigência 2023, intitulado: LITERATURA POPULAR: LEITURAS E INFERÊNCIAS SOBRE SABERES, VIVÊNCIAS E MEMÓRIA COLETIVA NO SERTÃO NORDESTINO. Esse Projeto teve como objetivo primordial aprimorar o conhecimento do público-alvo, formado por professores que atuam em escolas da Educação Básica, assim como por discentes do Curso de Letras e áreas afins do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, com base na abordagem interdisciplinar entre Literatura e outros campos dos saberes. Dessa forma, como procedimentos metodológicos, lançamos mão de leitura do romanceiro tradicional, o que suscitou debates sobre questões pertinentes à realidade.

Palavras-chave: Literatura Popular. Formação continuada. memória coletiva.

ABSTRACT:

We propose to present an Experience Report carried out through the Extension Project/Fluex/UFCG, validity 2023, entitled: POPULAR LITERATURE: READINGS AND INFERENCES ABOUT KNOWLEDGE, EXPERIENCES AND COLLECTIVE MEMORY IN THE NORTHEASTERN HINTERLAND HISTORY. This Project's primary objective was to improve the knowledge of the target audience, formed by teachers who work in Basic Education schools, as well as students of the Literature Course and related areas at the Teacher Training Center of the Federal University of Campina Grande, based on the interdisciplinary approach between Literature and other fields of knowledge. Thus, as methodological procedures, we used the reading of traditional novels, which sparked debates on issues pertinent to reality.

Keywords: Popular Literature. Continuing education. Collective memory.

¹ Doutora em Letras pela UERN. Docente da Unidade Acadêmica de Letras da UFCG. Cajazeiras/PB

² Discente do Curso de Letras da UFCG. Cajazeiras/PB

³ Discente do Curso de Letras da UFCG. Cajazeiras/PB

⁴ Discente do Curso de Letras da UFCG. Cajazeiras/PB

INTRODUÇÃO

O problema da seca no Nordeste brasileiro, em que pese o drama enfrentado pelo seu povo, instigou muitos artistas dessa região a manifestarem sua criatividade nas mais diversas formas de arte. Essa manifestação é impulsionada pelo desejo do ser humano de expressar sua indignação diante da falta de condições dignas de vida, bem como dos conflitos enfrentados pela população.

Desse modo, a obra de arte configura-se em instrumento de denúncia contra a opressão enfrentada por essa gente, haja vista sua linguagem estar imbuída de poder de subversão e transformação social, conforme o modo que o artista a utiliza, a fim de registrar seu protesto contra toda sorte de adversidade consequente do descaso com que é tratado o povo nordestino.

No decurso do tempo, a Região Nordeste tem demonstrado ser extremamente fértil, em se tratando de produção artística e literária, e, em especial, no que se diz respeito à Literatura Popular.

DESENVOLVIMENTO

O projeto de Literatura Popular (em andamento) proporciona ao participante uma valiosa experiência, visto que, a partir da leitura e discussão de obras da Literatura Popular explora-se um universo que pertence ao povo, a exemplo das vivências da massa, bem como das denúncias e da exposição de problemas e críticas sociais feitas através dos textos.

Dentre as diversas formas de arte que diz respeito à Literatura Popular destaca-se o Folheto de Cordel, objeto estético que abriga em seu bojo bens simbólicos como a linguagem a identidade cultural, entre outros, esse gênero literário configura-se, também, um meio de denúncia social, e traz em suas páginas a expressão de diferentes cotidianos de um povo, em especial o nordestino.

Conforme abordagem sobre o tema, realizada em trabalho anterior (Santos, 2023, p. 239), ao discutir sobre o nacional e o popular, partimos do princípio de que um e outro remetem “a uma dimensão que os antecede e os transcende”, conforme Renato Ortiz (1994, p. 130-131). Este autor destaca “a noção da memória” situada à “problemática da cultura po-

pular do Estado através da relação entre memória coletiva e memória nacional”, como “o prolongamento da memória coletiva popular”.

Dessa forma, temas como a seca no sertão nordestino geram discussões importantes, revivendo um momento histórico guardado no imaginário popular, que atravessa o tempo, ao longo de sucessivas gerações, a partir do legado cultural advindo da Península Ibérica, com os colonizadores. Neste sentido, a Literatura de Cordel é conhecida também pela sua composição de poemas escritos, em linguagem popular, ricos em rimas e na perfeição métrica dos seus versos que adquiriu força com o Romantismo brasileiro e permanece até então.

No intento de fundamentarmos nossa discussão remetemos ao estudo de Manuel Diégues Júnior, em seu texto “Literatura de cordel no Nordeste”, inserto na obra *Literatura popular em verso: estudos, ao falar sobre “A literatura oral tradicional e sua tradição ibérica, ao assinalar que:*

Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. Mas ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população. (Diegues-Júnior, 1986, p. 31).

Vale destacar que que a literatura de cordel, no Brasil, tornou-se o espaço para artistas e poetas realizarem produções que relatam a vida do nordestino e o drama de conflitos enfrentados por um povo que busca sempre condições de uma vida digna, entre outras temáticas.

Nessa esteira de raciocínio, pode-se perceber, através da leitura do cordel, os valores sociais e culturais que foram passados no decorrer do tempo, por meio da oralidade, expressa na arte de um povo que passou a verbalizar com naturalidade as situações de seu cotidiano, as suas crenças, as tradições e as memórias.

A propósito disso, Américo Sousa (2021, p. 136) afirma, em “Narrativas orais como fonte para uma história da Cultura Popular”, que “A enunciação de uma narrativa oral se faz na perspectiva da organização das experiências vividas pelo narrador, organização que lhe permite construir uma unidade identitária reconhecível pelo outro”.

A respeito da narração, Sousa (2021, p. 136) considera que ela “se realiza como espaço simbólico, intersubjetivo, no qual se ordena o caos das experiências vividas, atribuindo-lhes um sentido, construindo uma identidade [...] fluida e mutável em sua relação com diferentes tempos e diversos outros.

Dada a importância da Literatura Popular, trataremos, aqui, da relação que se estabelece entre dois cordéis de características, dada a semelhança que percebemos haver entre eles, no que tange à sua forma, ao seu conteúdo e à sua expressividade.

Partindo dessa premissa, no estudo dos textos, *Viagem ao país de São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos e *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes de Barros, pode-se perceber o dialogismo conceituado por Bakhtin, citado por Fiorin (2006, p. 168), ao afirmar que “o enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados aos quais está vinculado numa esfera comum de comunicação verbal”.

Assim, a relação de sentido estabelecida entre ambos os textos, só é possível por meio da transferência significativa das palavras, desde o título, que remete a uma viagem, e no decorrer das duas obras pode ser observado que ambas tratam de um lugar ideal para se viver, farto de riquezas e abundância, conforme mostra os seguintes trechos de *Uma viagem ao céu*, e *Viagem a São Saruê*, respectivamente:

Deu-me dez pés de dinheiro
alguns querendo botar,
filhos de queijo do reino
já querendo safrejar,
uns carochos de brilhante
pra eu na terra plantar (Barros, s/d, p. 5-6).

Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam no chão
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão (Santos, 1982, p. 7).

A relação dialógica entre os fragmentos acima é estabelecida pelo uso da metáfora “pés de dinheiro”, cuja figura de linguagem assegura a relação entre os textos; temos, assim, de forma implícita, a árvore apresentada em sentido figurado, cuja expressão aparece de modo similar, nos dois trechos acima, destacados das respectivas obras.

Trata-se, dessa forma, da presença do dialogismo entre discursos, o qual se dá através do contexto em que é apresentado, e externado da consciência do sujeito que, enquanto ser social

e interativo, traz consigo a experiência de um mundo mítico, fundado no imaginário popular, a exemplo das histórias contadas pelos seus antepassados, que servem de inspiração para essas produções artístico-literárias.

Sob essa perspectiva, ressaltamos que uma obra serve de inspiração para construção de outros, tornando-se referência, complementando-se. Esse diálogo que se estabelece entre essas obras reforça o tema abordado, reforça o sentido polifônico entre elas, bem como interpretações múltiplas, propiciando ao ouvinte/leitor a impressão de familiaridade com a narrativa, ao deparar-se com a ressonância de vozes em ambas as obras.

A partir da leitura das obras: *Uma Viagem ao Céu*, de Leandro Gomes de Barros, e *Viagem ao país de São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos, percebemos ser bastante clara e de fácil entendimento estabelecer uma relação de intertextualidade entre eles, devido ambos apresentarem, em seu desenvolvimento, perspectiva similar sobre a possível existência de um lugar desejável, conforme observamos em algumas estrofes das obras supramencionadas.

O cordel *Viagem ao País de São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos, narrado em primeira pessoa, o eu lírico realizou uma viagem ao hipotético país, chamado São Saruê, o melhor lugar para se estar no mundo. Essa viagem, de acordo com De acordo com Neide Medeiros Santos (1995, p. 125), pode ser associada ao “interior do Nordeste”, em razão “das secas constantes, a água é considerada um líquido precioso e água não falta neste lugar decantado pelo poeta”, que tece a história trazendo uma abordagem relacionada ao oposto do que de fato existe: a falta de bens imediatos para uma vida digna do povo nordestino.

Nessa perspectiva, os polos extremos materializam o efeito poético, possibilitando ao receptor do texto segurar a mão do eu lírico e com ele seguir em busca desse país maravilhoso, cujos elementos essenciais à vida sofrem o processo de metamorfose, em que a carência cede à abundância.

Assim, a natureza torna-se o lugar dos sonhos do povo representado na obra, que sofre fome e sede. As imagens sugeridas pela linguagem dessa obra, que remeta a passagens de *Uma Viagem ao Céu*, de Leandro Gomes de Barros. Ao longo de todo o cordel, o eu lírico conta as maravilhas e a paz encontrada naquele lugar e revela, inclusive, que por lá, realizava o seu fazer poético, como é mostrado na seguinte estrofe:

É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
bem satisfeito e gozando
prazer, saúde, alegrias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias. (Santos, 1982, p. 9).

Dessa forma, o país de São Saruê representa um lugar utópico que contrasta com a realidade do povo nordestino, que, por muitas vezes, enfrenta grandes períodos de seca e duras travessias em busca de melhores condições de vida, como foi retratado em obras da Literatura Brasileira, como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto; *Triste Partida*, de Patativa do Assaré, entre outras.

O referido cordel se comunica diretamente com *Uma Viagem ao Céu*, de Leandro Gomes de Barros. Esse apresenta o eu lírico como um dono de um bar falido e que certo dia apareceu-lhe uma alma vinda do céu, perguntando-lhe se ele vendia bebidas, ele disse que a venda estava quebrada, porém lhe restava dois garrafões de aguardente imaculada. A figura celestial bebeu cerca de três contas da bebida e convidou-lhe para ir ao céu, o eu lírico aceitou.

Tomando um “automóvel de vento” (Barros, s/d, p. 3), o eu lírico diz ter visto as mais belas maravilhas existentes no firmamento e que, antes de chegarem ao céu, viram o purgatório e o inferno. Ao cegar ao céu, encontrou São Pedro, que estava a cuidar da horta. Este lhe presenteou com “dez pés de dinheiro”, “caroços de brilhante”, “galhos de libras esterlinas”, “maniva de prata e de diamante” (Barros, s/d, p. 5-6). Além disso, o Santo pediu o seguinte a Santa Bárbara:

[...]
eu quero uma arrumação
Este moço quer voltar
Arranje-lhe uma condução. (Barros, p. 6).

-Bote cangalha num raio
e a sela num trovão
veja se arranja um corisco
para ele levar na mão
por que daqui para a terra
existe muito ladrão. (Barros, p. 6).

Entretanto, ao passar pelo purgatório o eu lírico viu sua sogra, o raio se apagou, o trovão se desmanchou e o corisco caiu de sua mão, perdendo tudo o que tinha ganhado de São Pedro. O eu lírico, então, volta à terra portando menos do que tinha levado, o mesmo informa que nunca mais voltou ao céu com medo de ver, nova-

mente, a sua sogra.

Ambas as obras supracitadas retratam uma viagem a lugares encantados: o país São Saruê e o Céu, respectivamente. Encontramos, assim, similaridades entre os meios pelos quais o eu lírico dessas obras chegam ao destino: o “carro de brisa”, o “carro do mormaço”, o “carro da neve fria” (Santos, 1982, p. 1-2), e o “automóvel de vento” (Barros, s/d, p. 3). Nessas obras, os lugares possuem árvores - “pés” carregados de dinheiro:

Os pés de notas de mil
carregam chega encapota
pode tirar-se a [sic] vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folha tudo é nota. (Santos, 1982, p. 7).

Vi na horta de São Pedro
arvôredos bem criados
tinha pés de plantações
que já estavam carregados
pés de libras esterlinas
que já estavam deitados. (Barros, s/d, p. 5).

Outra questão encontrada nos dois cordéis, bem como em outros textos da cultura popular, é a religiosidade, com a citação de personagens (Moisés e Aarão) e de passagens bíblicas em *Viagem ao País de São Saruê*, e a presença dos santos: São Pedro e Santa Bárbara, em *Uma Viagem ao Céu*, como vemos nas seguintes estrofes, respectivamente:

Lá existe tudo quanto é beleza
tudo quanto é bom, belo bonito
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promessa
para onde Moisés e Aarão
conduziam o povo de Israel,
onde dizem que corriam leite e mel
e caía manjar do céu no chão. (Santos, 1982, p. 10).

Aí chamou Santa Bárbara
esta veio com atenção
São Pedro aí disse a ela:
eu quero uma arrumação
este moço quer voltar
arranje-lhe uma condução. (Barros, p. 6).

A partir da análise dos cordéis citados, percebe-se que “[...], o sonho de uma viagem imaginária, o desejo de encontrar um país, uma ilha, um lugar idealizado, demonstram que uma utopia pode se tornar possível através da imaginação, da criatividade do poeta [...]” (Santos, 1995, p. 127).

Notamos, assim, uma questão recorrente nesses textos que pode ser destacada, é a da

fome, problema que no contexto nordestino é, em algumas particularidades muito presente, e assola profundamente a população. Ambos as obras de cordel acima referidas apresentam ao leitor uma quantidade extraordinária de alimentos que surge espontaneamente da natureza, conforme vemos a seguir, nos trechos em destaque.

Deparamo-nos, de imediato, com o elemento fantástico, próprio do cordel, expresso na linguagem da obra *Uma Viagem ao Céu*, de Leandro Gomes de Barros, conforme vemos na seguinte estrofe:

Vi cerca de queijo e prata
e lagoa de coalhada
atoleiro de manteiga
mata de carne guisada
riacho de vinho do pôrto
só não tinha imaculada (Barros, s/d, p. 5).

À maneira do que aparece na estrofe acima, a linguagem da obra *Viagem ao país de São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos, realiza o desejo de um coletivo, no plano imaginário, ao trazer a abundância como fantasia, ou utopia, na representação da voz de um povo cuja miséria é marcada pela escassez ou carência de alimentação.

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada. (Santos, 1982, p. 4).

Observamos, no que diz respeito às semelhanças entre os textos é a existência de árvores que, contraditoriamente, e de modo fantástico, frutificam dinheiro e/ou pedras preciosas, o que se contrapõe à vulnerabilidade social, decorrente da falta do poder aquisitivo desse povo sofrido e trabalhador que, por tanto se esforçar e, mesmo dando o máximo de si em sua labuta, na maioria das vezes não adquire o mínimo para garantir sobrevivência.

Para iluminar nossa discussão, de acordo com nossa perspectiva, destacamos a seguinte estrofe de *Uma Viagem ao Céu*, marcada pelo exagero que transcende o lógico:

Galhos de libras esterlinas
deu-me cento e vinte pés
deu-me um saco de semente
de cédulas de cem mil réis
deu-me maniva de prata
e diamante umas dez. (Barros, s/d, p. 6).

Em seguida, apresentamos a seguinte es-

trofe, da obra *Viagem ao país de São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos, que dialoga com a anterior, de Leandro Gomes de Barros:

Os pés de notas de mil
carrega que encapota
pode tirar-se à vontade
quanto mais velho mais bota
além dos cachos que têm
cascas e folhas, tudo é nota. (Santos, 1982, p. 7).

Depreendemos, assim, que muitas são as temáticas e questões similares, de ordem estética e social que ambos os textos nos apresentam, em relação à vida e aos sonhos da população nordestina, imersa nessas problemáticas que a calejam de maneira tirana. Vale salientar, remetendo ao que discute Jerusa Pires Ferreira (2003, p. 82):

[...] o texto não é apenas o gerador de novos significados, mas um condensador de memória cultural, e que é sempre para quem percebe, a metonímia de um sentido integral reconstituído, um signo discreto de essência não discreta, [...] há todo um espaço de significações que o texto incorpora, das relações com a memória cultural (tradição) já formada na consciência de quem ouve ou vê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho executado pelo Projeto de Extensão/Fluex/UFCCG, edição 2023 - Literatura Popular - concluído -, propiciou em termos de aprendizagem, por ocasião das realizações dos seus encontros quinzenais, com o público-alvo e a Equipe executora, através da abordagem leitura da obra literária, seguida de debate, em especial da literatura de cordel, que nos possibilita realizar o reconhecimento de nosso pertencimento identitário-cultural, a partir de sua expressividade artística, no contexto social que nos envolve, além de inferir sobre e aprofundar as reflexões possíveis questões e problemáticas que assolam a realidade em que estamos inseridos.

O projeto nos proporciona o envolvimento com pessoas e obras de maneira interativa, assim como a possibilidade de expressar, através dos encontros, nossas vivências, nossos sentimentos particulares e os nossos entendimentos com relação a essas leituras, tomando como base sempre a nossa perspectiva de vida e as nossas subjetividades. Dessa forma, é importante entender que, por meio da ação de Extensão, à maneira do que acontece com esse Projeto, que, instrumentalizado com a leitura da obra

literário da literatura Popular, proporciona relevantes discussões a respeito da realidade, possibilitando ao participante enxergá-la por um outro prisma, e assim projetar possibilidades para uma melhoria futura e um pensamento mais crítico, no que tange à vida em sua complexidade.

Partindo desse pressuposto, compreendemos que a obra literária, como objeto estético, suplanta a temporalidade e a diversidade de formas e gêneros que surgem no decurso da evolução estética e social. Assim, além de proporcionar fruição e prazer ao seu receptor, a poesia é um instrumento de transformação humana imprescindível em qualquer tempo e sociedade, por ser fonte inesgotável de conhecimento, saberes e memória, fundamentais ao enriquecimento cultural.

Por fim, em sua execução, este Projeto, em andamento, tem mantido o foco no fortalecimento e na disseminação da cultura do povo nordestino, ressaltando seu potencial criador, expresso em suas modalidades artísticas plurais.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Leandro Gomes de. **Uma viagem ao céu**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000024.pdf> Acesso em: 1 out. 2023.
- DIÉGUES JÚNIOR *et al.* **Literatura de cordel no Nordeste**. In: **Literatura popular em verso: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986. p. 31-177.
- FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura é memória**. In: FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003. p. 69-87.
- FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-191.
- LOPES, José Ribamar (Org.). **Literatura de cordel: antologia**. 3. ed. Fortaleza: BNB, 1982. (Série Monografias, 14).
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SABINO, Raneide Barbosa; LIMA, Leidiane Faustino. **Países lendários da cultura popular: uma análise comparativa entre o país da cocanha e os cordéis viagem a São Saruê e viagem ao céu**. In: **Anais VI ENLIJE...** Campina Grande: Realize, 2016. p. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/26088>. Acesso em: 29 set. 2023.
- SANTOS, Maria de Lourdes Dionizio. **Literatura Popular: Leituras e inferências sobre saberes, vivências e memória coletiva no sertão nordestino**. In: ARAUJO, Raimundo Dutra. ARAUJO, Francisco Antonio Machado. (Orgs.) **Universidade e comunidade: compartilhando experiências transformadoras com ações de extensão no ensino superior [recurso eletrônico]**. Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2023. p. 236-246.
- SANTOS, Neide Medeiros. **Viagem a São Saruê: uma viagem utópica**. **Itinerários: Revista de Literatura**, n. 8, 1995. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/e64df818-f3ed-4fce-87d1-32f969548ab7>. Acesso em 29 set. 2023.
- SOUZA Américo. **Narrativas orais como fonte para uma história da cultura popular**. In: LEAL, Tito Barros.; MENESCAL, Ana Alice. (Orgs.). **Cultura (dita) popular: desafios e possibilidades para a História**. Sobral, CE: Sertão Cult, Edições UVA, Anpuh-CE, 2021. E-book. p. 121-141.